

19.01.1996. M.Kougbé. Porto Novo.

MILTON GURAN - Hoje é sexta-feira, 19 de janeiro de 1996, estou com o senhor Kougbé. Qual é o nome completo do senhor?

SUIGBO EULOGE KOUGBÉ - Suigbo Euloge Kougbé.

MG - Suigbo Euloge Kougbé é o presidente de todas as associações para a festa da Epifania em Porto Novo. E nós estamos aqui com o senhor Loko Benoît, que faz o coral na paróquia *Sainte Anne*. Outro dia, o senhor estava me contando a história da festa da Epifania. O senhor pode continuar?

SK - Sim. A festa da Epifania foi o padre Aupiais que trouxe aqui para nós, para as raças gom que são da paróquia. Antes, como não tinha a Epifania, nós festejávamos com os muçulmanos a festa de *Tabaski*. É isso, nós os velhos, nós festejar [NdT: falta concordância no original], nós velhos, velhos nós festejávamos. Bom, então, quando o padre Aupiais trouxe a Epifania, em 1922, dia 6 de janeiro de 1922.

MG - Muito bem, bem preciso.

SK - Seis de janeiro de 1922, a primeira festa, é isso. Nós que é [NdT: falta concordância no original] aqui, eu que é [NdT: idem], eu comecei a festejar depois de dois anos, até hoje.

MG - Desde que o senhor tinha dois anos de idade. O senhor nasceu em que ano?

SK - 20.

MG - Ah, 1920. Ah, então senhor festeja a Epifania desde o início!

SK - Sim, mas eu sou [NdT: era] pequeno.

MG - Sim, claro.

SK - Eu sou pequeno. Depois, o que há?

MG - Desde que o senhor era pequeno, que o senhor se lembre, com dez anos, quinze anos, até agora, a festa da Epifania mudou muito ou ela continuou mais ou menos a mesma festa?

SK - É a mesma festa, ela não mudou, mas a encenação que fazemos é que mudou um pouquinho. É a cena. Como Jesus nasceu... Começar... Como os pastores eram, é o que mudou um pouquinho. O rei Herodes diz: “A gente só precisa matar as crianças de todo o país”. É isso, nós pega [NdT: falta concordância no original] para fazer isso, as crianças de dois meses até dois anos, as mulheres chorando [NdT: para] ver o rei, para

lhe dizer que tem alguma coisa que todas as crianças são mortas. Tem os guardas que cercam a cidade [NdT: para] começar a matar as crianças.

MG - É isso que a Bíblia diz que Herodes fez no tempo de Jesus. Tinha também o romano Pôncio Pilatos.

SK - *Voilà.*

MG - Ele lavou as mãos.

SK - Foi Pôncio Pilatos que vendeu Jesus.

MG - Sim, é verdade. Foi ele que o condenou.

SK - E depois ele disse a Jesus que ele não estava sabendo de nada. Ele lavou as mãos, são e salvo. Mas Jesus já [NdT: grafia difícil; pode ser “a connu”, conheceu, no sentido de que já sabia].

MG - Sim, é verdade. Quer dizer, ele estava sabendo de tudo, ele era o comandante dos soldados.

SK - *Voilà.*

MG - É ele que dá as ordens para a polícia, ele está todo tempo implicado.

SK - Foi ele que criou a história.

MG - Sim, é isso. Depois da cena, é feito o desfile, o desfile na cidade.

SK - Nós fazemos com todos os atores, com todos os anjos, por volta das três horas, por aí, nós, a gente levantar [NdT: sem concordância no original] para ir ao mercado, grande mercado.

MG - Todas as paróquias fazem isso?

SK - Todas as paróquias nos encontram no mercado.

MG - E no desfile... Eu assisti o desfile no ano passado e assisti o desfile este ano também, não de todas as paróquias, porque isso não é possível, eu sou um só. Eu assisti, no ano passado, o teatro, o desfile, da Igreja de *Notre Dame*. Eu segui o teatro e o desfile de *Sacre Coeur*. Se eu puder, no ano que vem vou seguir o da Igreja de *Sainte Anne*, para conhecer bem as coisas. E eu percebi que, no desfile, tem pessoas que tocam as músicas, têm muitos instrumentos de música, as pessoas cantam canções e dançam também.

SK - Todas as paróquias fazem isso.

MG - No desfile, quando as pessoas tocam os instrumentos, tem um tambor grande. Como é o nome desse grande tambor?

SK - *Houngau*.

MG - Eu percebi também que tem paróquias que tocam instrumentos de sopro, de vento, como trombone, clarineta, coisas assim.

SK - Tem senhoras que também fazem o *Adjogau*. Com... É a mulher do rei.

MG - Isso nós fazemos também no Brasil.

SK - São as esposas do rei que fazem isso. A gente...

MG - da corte do rei de Porto Novo.

SK - A gente toca, [NdT: caligrafia difícil, algo como “*gougoune*”], e depois começa com as vozes. São as mulheres do rei que fazem isso.

MG - Então as mulheres do rei fazem isso também no desfile?

SK - Sim.

MG - E todo mundo da paróquia acompanha. Quantas pessoas participam da encenação de *Sainte Anne*?

SK - Diminuiu muito esse ano.

MG - Ano passado, eram quantas?

SK - Os atores são muitos porque tem os *alinon*, tem *Migan*, tem *Gogan*, tem tudo isso. Tem os soldados, é por causa disso que eu digo que não podemos contar efetivamente.

MG - Vamos ver nos documentos. E no desfile da paróquia de *Sainte Anne*, vocês eram quantos?

SK - Somos muitos, hein, só para os anjos tem 56.

MG - Depois tem os atores e tudo isso, quase uma centena.

SK - Sim, sim.

MG - Tem gente da paróquia que faz o desfile também?

SK - Sim.

MG - Então pode chegar a quantas pessoas?

SK - Podemos dizer uns 200, 240.

MG - Esse ano, o senhor teria... Eu não vi todo o desfile de *Sainte Anne*, eu vi os atores somente. Tinha tanta gente que tudo estava misturado. Quando disseram: “*Sainte Anne*” está chegando, eu fui embora. Mas tinha tanta gente que eu não vi ninguém tocando música em *Sainte Anne*. Nos instrumentos de *yovo* [NdT: apesar da grafia no

manuscrito, creio que o pesquisador refere-se a “sopro”), de vento, tem trombone e tudo isso?

SK - Não tem instrumento de *yovo* [NdT: sopro], não.

MG - Tudo bem. E nos corais? Quantas pessoas têm?

SK - Ah, nós somos em número de... os responsáveis são em número de 24.

MG - Ah, é bastante.

SK - Isso não é muito, de resto nós somos uns sessenta.

MG - É bastante. A associação de cada paróquia e a grande associação da qual o senhor é presidente, elas existem desde quando?

SK - Isso, *mi ba i cinquentenaire* (nós festejamos o cinquentenário). Em 1972 nós festejamos o cinquentenário.

MG - Em 72?

SK - Sim.

MG - Então, a associação da Epifania existe desde o primeiro ano da festa de Epifania.

SK - Sim, é isso.

MG - E 72 em 50, fazem 1922. É isso. E o senhor é o presidente da associação que reúne as outras associações desde quando?

SK - Faz quatro anos.

MG - Faz quatro anos que o senhor está aí?

SK - Sim. Antes disso, a gente fazia sem presidente em exercício. Mas agora, eles estão contentes com meu trabalho.

MG - É o porquê de eles terem deixado o senhor trabalhar quatro anos. Muito bem. O senhor fez um bom trabalho.

SK - Sim. Se alguém faz bom trabalho, as pessoas deixam cinco anos, seis anos a gente muda.

MG - Muito bem. E todo mundo na paróquia paga uma cotização para a festa? Como isso acontece?

SK - Para a festa da Epifania, já que a gente não pode cotizar por todo mundo, o tecido que a gente pega, a gente junta a cotização em cima. É daí que a gente tira o dinheiro. Se você pega 400 peças de tecido por paróquia, aí, os benefícios são partilhados [NdT: no manuscrito lê-se algo como “Il fait partient vous”, sem significado em francês].

MG - Entendi.

SK - Cada paróquia.

MG - Cada paróquia faz isso? E o *pagne* [NdT: tecido, tipo canga, que funciona como traje], custa quanto?

SK - Esse ano, custou 11 mil a peça.

MG - E vocês venderam às pessoas a peça inteira por 11 mil. Quantos *pagnes* dá para fazer com uma peça de tecido?

SK - Doze metros.

MG - Faz menos de mil francos o metro, é razoável.

SK - O ano passado, eram 7 mil. Como a desvalorização chegou, o preço aumentou.

MG - Sim, todo o mundo aumentou por causa da desvalorização. Bom, tem muitos brasileiros na paróquia de *Sainte Anne*? Pessoas com nomes brasileiros, *quoi* [NdT: expressão francesa que aqui significa algo como “quero dizer”]. Como Souza, Paraíso?

SK - Tem na grande paróquia, mas eles não festejam a Epifania. A festa deles é o Bonfim, a *bourian*. Eles são nessas festas.

MG - Vou colocar uma questão para o senhor. O desfile da Epifania sempre foi chamado de desfile? É isso? Não tinha outro nome que ele era chamado?

SK - É para ir ao mercado, somente. A gente diz que vai ao mercado.

MG - O senhor conhece a palavra carnaval? Tinha outro nome que as pessoas usavam?

SK - Carnaval? Não.

MG - Então, vou contar uma historinha para o senhor. Faz muito tempo, em 1922, quando o padre Aupiais começou essa história de teatro, foi por causa da sua paróquia, onde os católicos eram os brasileiros, somente as pessoas que tinham partido para o Brasil e que voltaram com a religião católica. As pessoas de Porto Novo, elas eram mais ligadas aos muçulmanos e festejavam a festa dos muçulmanos, como o senhor disse. Então, Aupiais, ele teve a ideia de fazer o teatro em gom. E ele colocou no lugar dos três reis magos, os reis de Porto Novo. E todo mundo vinha ver a festa na igreja. Ele disse: “Agora que todos assistiram ao teatro, aprenderam a boa nova de que Jesus nasceu, e vamos levar essa noticia para o mercado, com o desfile!”. Eles fizeram o desfile e os primeiros eram os ditos brasileiros, e esse desfile era feito de dança que nós chamamos de carnaval. É por isso que vemos documentos antigos de mais de 50 anos, com esse desfile, que chamamos de carnaval. Agora, não se chama mais assim. É por isso que eu pergunto se o senhor conhece. Nós fazemos o desfile do Bonfim, dos crioulos [NdT: no Brasil].

SK - Não festejamos com a gente agudá, nós somos gom, a gente faz a Epifania, é a grande festa. Depois a gente faz Páscoa.

MG - É interessante.

SK - Antes, não tem [NdT: sem concordância, o correto seria “tinha”] dinheiro para comprar... Nós compramos o *pagne*.

MG - Mas a grande festa de Porto Novo é a Epifania. Eu vi que as pessoas colocam bancos e cadeiras para assistir.

SK - Mesmo os muçulmanos, os bruxos, todo mundo assiste.

MG - Todo mundo quer ver porque é muito bonito. Tem os reis gom de Porto Novo, é bonito. A prefeitura de Porto Novo ajuda um pouco com dinheiro?

SK - Não, nunca. Só na Costa do Marfim eles fazem isso. Quando fomos para lá, tempo de *colars* [NdT: ?]... Cinco ou seis vezes, algo assim. Mas aqui, nunca.

MG - É uma festa da cidade de Porto Novo. É uma festa que vai além dos católicos e paróquias.

SK - Na Costa do Marfim, os dirigentes avançam um pouco de dinheiro para a gente.

MG - Quando a gente fala de Porto Novo, fazemos referência a essa festa. Como tem o *Voudou* em Uidá, tem uma Epifania aqui. Como podemos fazer para o documento que o secretário terá na semana que vem?

SK - *Hu dé mi na bayi Yesu, mi me awé le sin azo ba mi ma dogan me, na lundì ba e na wa na document* (Vamos fazer um trabalho a dois. Vamos marcar um encontro para os documentos. Foi por causa do senhor que eu não fui ao campo. Tem futebol).

MG - Mas, senhor Kougbé, eu agradeço muito ao senhor, eu estou lisonjeado, muito honrado, por minha causa o senhor não foi. É interessante discutir com o senhor, porque o senhor é a história. Os jovens me falam qualquer coisa e eu escrevo no meu livro. Mas o senhor está lá desde o começo.